Um pouco de historia

(CHRONICA DO IPÚ)

POR

Eusebio de Souza

(Continuação)

V

Aos historiadores do Ceará, áquelles que investigam a origem da fundação e consequente desenvolvimentos de qualquer logarejo, pesquisando os seus acontecimentos, não deve passar em olvido o que foi essa *Legião da Cruz,* que, por algum tempo, alvorotou o espirito tolerante de uma certa parte da população do municipio do Ipú e suas adjacencias, deixando absortos, no mais desabusado fanatismo, «matutos supersticiosos e crendeiros».

Quem quer que se interesse pelo movimento historico de nossas instituições na observação de suas differentes phases, todas cheias de vida, procurando estudar os diversos periodos de transicção de qualquer aggremiação, conhecendo a *Legião da Cruz*, ha de concluir pertencer ella ao numero daquellas que tiveram sua effervescencia e que, por motivos alheios á vontade de seus propugnadores, foi obrigada a fechar o circulo de sua exploração, restando hoje, apenas, — como documento para a historia de nossos dias, esquecida no archivo de

um cartorio e em reminiscencias—«os episodios mais interessantes de sua vida accidentada».

O que foi essa *Legião da Cruz—Legio Crucis,* conforme o seu primitivo baptismo—sabe-o todo o Ipú, conhece-o todo o habitante da região nortista do Estado... Quaes os seus fins, a sua acção inerte e prejudicial, o nullo resultado que a despresivel associação demonstrou nos largos dias de sua duração, ninguem tambem os ignora...

Porque—infeliz inspiração de quem a idealisou—a *Legião da Cruz,* no afan condemnavel de sua congregação, ao envez de cooperar com os esforços reconhecidos de seus sectarios para que no povoado de sua reunião se pregasse uma doutrina sã, moralisadora, contribuindo assim para que a civilisação avançasse nos incultos sertões, abrindo aos olhos dos seus ignorantes congregados o caminho do Bem, ensinando-lhes a elevar o nome da Patria, desenvolvendo as artes, a sciencia, a industria, a agricultura, «os mais bellos e mais vastos campos de batalha onde nos fica muitas vezes o coração a bem da terra que nos servio de berço»; ao envez de lhes ensinar a amar o seu Deus, doutrinando as theorias do Divino Mestre, ao contrario, tudo fazia em beneficio proprio, e, ao que parece, animava os seus irmãos em idéas á pratica de actos reprovaveis, insuflando-os até a attentarem contra a vida de seus semelhantes, em preparo, talvez, de luctas fratricidas...

Rememoremos os acontecimentos dessa sociedade para que algo de sua existencia fique para a historia, não desapparecendo jamais com a obscuridade dos tempos.

*
* *

A *Legião da Cruz* foi installada no povoado *Varjota*, do municipio do Ipú, no dia 12 de setembro de 1897, como prolongamento de uma sua co-irmã, existente no logar *Riacho dos Guimarães*, do municipio de Sobral.

Seu fim exclusivo—reza o regulamento—«*era sustentar e defender a igreja de Deus na pessoa do immor-*

tal ão XIII, *chefe invisivel da Igreja Universal de No*) *Senhor Jesus Christo. sem a qual* (sic) *não pode hav salvação; e arrecadar collectas e esmolas* (! *a favor* ' ' *Santo Padre—o Papa—nosso rei espiritual a quem Deus constituio, na terra, para a salvação das alma* .

'om *este fim santo*—dizia ainda o seu regulamento —*po* ı *ella sustentar-se com o suor do rosto e força dos l* ıços *de seus associados e defender aquelle a quem Deus* leixou *como rei e senhor de todos.*

)s *obulos arrecadados*—outro paragrapho regulament. —*seriam remettidos ao Directorio da Legião da Cruz* lo *Juazeiro do Padre Cicero, da qual era a «Legião»* parte *reciproca».*

L regulamneto dessa irmandade, lido em sessão de installação, dizia ainda que a *Legião «era perseguida pelo clero cearense excepção, porém, de nove eminentes bispos brasileiros e o preclaro arcebispo da Bahia D. Luiz Antonio dos Santos, de saudosa memoria».*

Assim constituida, repercutiu a sua fama na zona, o seu prestigio cresceu dia a dia num evoluir espantoso, e em pouco tempo accusava o seu livro de registo de inscripções uma quantidade infinda de adeptos os mais fervorosos e intransigentes, todos certos dos fins salutares e sagrados de sua congregação, mão grado a desapprovação de determinada parte do povo de espirito mais culto e por indole indifferente ás idéas erroneas do fanatismo desabusado que então predominava naquellas paragens, felizmente, em tempo jugulado pelo poderio da moralidade da lei e do direito.

A vida da *Legião da Cruz* no povoado *Varjota* era um facto. Seu desenvolvimento constituio durante dois annos a nota dessas remotas paragens e continuaria por mais tempo, se um acontecimento notavel não viesse perturbar a sua acção, fazendo-a desapparecer para sempre.

*
* *

Delineemos o caso.

Dois annos após á formação desse pernicioso nu-

cleo, contando um sem numero de reuniões desaproveitaveis, tendo como responsaveis pessoas «menos favorecidas de cultura intellectual, por isso mesmo menos culpadas da anarchia mental que lavra na sociedade brasileira», chegou ao conhecimento das autoridades do termo do Ipú que os chefes da já celebrisada associação armavam pessoas--naturalmente os seus apaniguados—com o fim de assassinar o respeitavel cavalheiro coronel Antonio Nogueira Borges e em seguida incendiar-lhe a casa de residencia, unicamente pelo simples facto de aconselhar aquelle senhor ao povo a abandonar a falsa irmandade constituida pela *Legião da Cruz*.

As providencias das autoridades superiores do termo não se fizeram demorar, e, por intermedio de seu orgão—autoridade policial do districto de *Varjota*—instaurou-se o respectivo inquerito, afim de apurar a procedencia da queixa.

Ja era tempo de «restaurar o imperio da lei nos invios sertões em que assentára a sua tenda o fanatismo selvagem» e, após pesquisas rigorosas, chegou-se á veracidade da denuncia.

Foi instaurado o respectivo processo e este concorreu para que se chegasse á evidencia real dos factos até então desenrolados no humilde e esquecido logarejo do Ipú, obscura tapéra, de topographia insignificante, mas que, sem duvida, em futuro, talvez, não mui longe, reviviscesse, fazendo convergir para seu nucleo milhares de forasteiros attrahidos pela superioridade do perigoso grupo que alli confabulava, alardeando os fins altamente sagrados dessa congregação. A historia está cheia de exemplos eguaes a este...

Felizmente, em tempo, triumphou a causa da moral e da bôa razão dos factos, pondo-se um paradeiro ás scenas deprimentes desenroladas no excuso recanto Ipuense e que, de futuro, poderia acarretar vexames maiores, com o desdobrar de consequencias que poderiam até ser funestss

O processo movido contra os partidarios da *Legião da Cruz* fêl-a tombar para sempre.

***

Vejamos a peça principal do processo que deu lugar ao desapparecimento da *Legião da Cruz*, no povoado *Varjota*, tristemente celebrisado ao tempo da vida do pernicioso grupo de aventureiros, que obedecia ao mando de Antonio Clarindo Campello Veado.

Por esse documento, que vae transcripto na integra, o leitor terá uma idéa perfeita do expediente usado por *Veado* e seus cumplices na exploração da referida aggremiação.

E' a denuncia que deu motivo ao processado.

«Illmo. sr. 2.º supplente do juiz substituto em exercicio.

«O promotor da justiça da comarca, usando das attribuições que lhe são conferidas pela lei, vem, perante v. s., denunciar a Antonio Clarindo Campello Veado e Antonio Martins Brandão, residentes no logar *Angelim*, deste termo, pelo facto que passa a expor.

«E' geralmente sabido que o denunciado Antonio Veado, dizendo-se encarregado pelo padre Cicero, do Juazeiro, fundou no lugar *Varjota*, deste termo, uma falsa irmandade a que denomina:—*Legio Crucis*—sendo vulgarmente conhecida por *Irmandade da Cruz*, e da qual se constituira thezoureiro.

«Illudindo a bôa fé da população ignara por meio de artificios, tem Veado feito acreditar ser elle «*um enviado de Christo*», e nesta qualidade tem feito sermões induzindo o povo a seguil-o em seus desvios.

«Tendo chegado ao conhecimento da autoridade policial de *Varjota* que os denunciados estavam armando algumas pessoas, per-

tencentes á referida irmandade, com o fim de assassinar o coronel Antonio Nogueira Borges e em seguida incendiar-lhe a casa, por aconselhar este, a algumas pessoas, a abandonarem a falsa *Irmandade da Cruz*, tratou a mesma autoridade de effectuar a prisão de Veado e Brandão, no louvavel intuito de manter a ordem e garantir a vida e propriedade do cidadão, como tudo se vê do inquerito junto.

«Por occasião da prisão de Antonio Veado, foram encontrados em seu poder diversos livros e mais papeis concernentes á *Irmandade da Cruz* — documentos estes que provam exhuberantemente que Veado, fingindo ter ordens do Papa, tem recebido dinheiro do povo em somma bastante avultada.

«Junto esses documentos á denuncia, em numero de 14, os quaes vão por mim numerados e rubricados.

«O documento n.º 1 é um livro de recibos impressos, assignados pelo denunciado Antonio Veado, na qualidade de thezoureiro da falsa irmandade.

«O documento n.º 2 consta de um livro com 25 folhas e que servia para lançamento das quantias apuradas durante cada sessão. Por este documento vê-se que esta associação denominada *Legio Crucis* tem continuado a funccionar e a receber dinheiro da população ignorante que, acreditando nos embustes pregados por Veado, tem se deixado explorar de um modo tão ridiculo quão vergonhoso!...

«O documento n.º 3 é um livro no qual se vê na segunda folha uma cruz feita com tinta vermelha, e escriptas com tinta da mesma côr as seguintes palavras:—*In hoc signo vinces.*—Este livro que contem 79 folhas, das

quaes muitas em branco, servia para nelle serem inscriptos os associados.

«O documento n.º 4 consta de um caderno com 11 folhas, no qual se lê diversas cartas de prophetas. assim como listas de associados nas differentes freguezias

«O documento n.º 5 é um quarto de papel impresso, datado do Juazeiro do Crato, em 1 de Janeiro de 1898, no qual estão escriptos á mão os nomes de diversos contribuintes.

«O documento n.º 6 é tambem um quarto de papel contendo nomes de contribuintes.

«O documento n.º 7 é um modelo de actas dos trabalhos do falso Apostolado da Oração do S. Coração de Jesus, no Angelim!...

«O documento n.º 8 é tambem um modelo de actas.

«O documento n.º 9 é tambem um quarto de papel contendo os nomes de alguns contribuintes.

«O documento n.º 10 é um diploma impresso para ser conferido aos socios da irmandade por um director residente no Juazeiro e que, pela leitura da escripta dos livros juntos, verifica-se ser o padre Cicero.

«O documento n.º 11 é um livro com 96 folhas contendo 15 actas de sessões da associação *Legio Crucis*. Este documento é muitissimo importante, pois por elle se verifica quaes os meios indecorosos, os ardis de que usava Veado e seus sectarios para se apoderarem do dinheiro alheio.

«Os documentos n.ºs 12 e 13 são dois livros escriptos somente nas duas primeiras folhas de cada um. Estes livros são referentes ao Apostolado do S. Coração de Jesus —sociedade fundada a mandado de Veado por suas proprias manas, no intuito de attrahir

cada vez mais a attenção dos credulos, para mais facilmente lhes extorquir o dinheiro

«Finalmente, o documento n.º 14 consta de 81 exemplares de um diploma impresso, que a falsa sociedade do Apostolado costumava distribuir aos seus membros!...

«Está, pois, provado plenamente em face das provas contidas nos documentos juntos que o denunciado Antonio Clarindo Campello Veado, lançando mão de todos estes artificios conseguiu surprehender a bôa fé da população ignorante, auferindo, desta, quantia superior a dois contos de réis, como se vê da nojenta escripturação feita nos diversos livros apprehendidos em seu poder.

«Acha-se igualmente provado, no inquerito junto, feito a requerimento desta Promotoria, que o denunciado Antonio Martins Brandão faz parte da *Irmandade da Cruz*, á qual presta todo o auxilio, concorrendo assim para a pratica de um crime e tornando-se por consequencia, cumplice de Antonio Veado, em face do § 1.º art. 21 do Codigo Penal.

«E como os denunciados, com semelhante procedimento, tenham commettido o crime de estellionato capitulado no n.º 5 do art. 338 do referido Cod. Penal, e devam, por isso, ser punidos, o Promoter vem dar a presente denuncia, offerecendo para testemunhas as pessoas abaixo arroladas.

«O Promotor de Justiça péde a v. s. que, autuada, se tome a presente denuncia, procedendo-se aos demais termos necessarios á formação da culpa. E. R. M. Ipú, 3 de Junho de 1899.—O Promotor de Justiça—Antonio Carvalho. Rol de testemunhas—Avelino Ferreira de Souza, João Severiano de Aguiar, Ignacio

Pedro de Souza, Vicente Ferreira da Costa e Raymundo Felix de Assumpção».

Instaurou-se o processo, correndo este seus tramites legaes. Os réos produziram sua defeza, constituindo advogado, mas a accusação que se lhes movia era segura, de nada lhes valendo os recursos apresentados no decorrer do processado, procurando impedir a marcha natural do feito.

Todos os remedios, que as nossas leis criminaes admittem como defeza aos accusados, foram suggeridos nos autos, mas nenhum teve o valor que a rabulice lhes queria emprestar, cedendo unicamente o imperio da lei á erronea soberania do jury, reconhecendo a inculpabilidade dos denunciados, absolvendo-os.

Era tarde, porém. A vida da *Irmandade da Cruz* havia soffrido forte abalo com a queixa intentada e tomada em consideração pelas autoridades do Ipú. Tardiamente, embóra, reconheceram os seus sectarios a sua nulla importancia, despresando-a, e hoje, apenas em reminiscencias, e no archivo de um cartorio, existem as provas de sua existencia: algumas centenas de paginas alinhavadas em forma de autos, e mais a escripturação apprehendida pela policia.

E' o que foi legado á historia de nossos dias, de nada valendo a existencia da *Irmandade da Cruz*.

VI

Quadros e costumes

A festa de S. Sebastião da freguezia do Ipú tem qualquer coisa de encanto, de harmonioso conjuncto, no sentimento religioso de seu povo, «crente por indole, fatalista por vezes e supersticioso quasi sempre», reunindo-se, em determinado dia do anno, para render graças ao divino padroeiro da localidade.

Ainda hoje no Ipú se venera com enthusiasmo o glorioso dia consagrado ao martyr santo, que, além do

mais, relembra o da fundação da cidade do Rio de Janeiro, com o segredo de sua lenda, nascida da propria natureza, surgindo, como por milagre, um gentil-homem na guerra, saltando em canôas, na lucta emprehendida com o gentio em 1556 por Estacio de Sá, a mando de seu tio Mem de Sá e fazendo com que, segundo rezam as chronicas, saissem os guerreiros victoriosos, homenageando-o, por ultimo.

Falta, entretanto, a esta festividade o tom mais original e alegre que lhe davam certos actos em outros tempos. Com o decorrer dos annos as festas do milagroso padroeiro perderam o apparato magnifico que lhes era proprio, e, si bem que, com esmerado fervor, se solemnise hoje o sagrado dia, muito deixa elle a desejar comparado com os deslumbrantes festejos de então.

O caso, porém, não é singular. As chronicas religiosas dão um aspecto mais caracteristico ás festividades de outras éras. Pouco a pouco foram ellas perdendo a sua feição nativa, e, actualmente, o quadro que se nos apresenta é todo outro, encerrando alguma coisa de simplicidade, obedecendo, talvez, á evolução de nossos dias. Ou então o que se vae notando, nesse particular, é conclusão dessa affirmativa de alguem: «naquelles tempos a nossa sociedade não tinha a pretenção de querer impor-se pela decadencia dos seus costumes e pelo enervamento do seu senso religioso».

Não o contestaremos. O facto é que, desta ou daquella fórma, «mais attrahente, mais alentada de satisfação geral», era a tradicional festa ipuense, feita por noitarios, o que constituia um acontecimento unico, cada grupo, cioso do esmero de sua noite, esforçando-se para não ficar aquem do antecedente, contribuindo somente para o desusado esplendor da grandiosa festa.

O ultimo novenario, que encerrava as vesperas solemnes do solemnissimo dia, tocava as raias do delirio, era fervorosamente celebrado, e de tal maneira echoava na cidade que, por muitos dias, «a alma religiosa que se embevece das maravilhas do céo e acceita, sem controvérsias, o problema da fé» inebriada, contemplava a ma-

gnificencia do sublime preito de homenagem rendido ao seu veneravel padroeiro.

Manda a verdade que se enalteça os nomes de duas pessôas que, em outras éras, muito contribuiram, com os seus inauditos esforços, para o brilho da tradicional festa, annualmente tributada ao martyr santo.

Primeiramente, esse extraordinario acontecimento era devido ao padre Francisco Correia de Carvalho e Silva, um benemerito do Ipú, então vigario do Ipú. O trabalho do padre Correia era valentemente secundado por um outro devotado enthusiasta desses festejos, o capitão Liberalino Dias Martins, negociante abastado que foi no Ipú, o qual, ao lado daquelle, não olhava meios nem pesava sacrificios para o realce da solemnidade.

Assim nos fala um contemporaneo sobre os serviços do padre Correia e capitão Liberalino.

«Antigamente foi afamada a festa do padroeiro, S. Sebastião, a qual era celebrada com muito gosto, cabendo em primeiro lugar a gloria desse esplendor ao padre Francisco Correia de Carvalho e Silva, então vigario, de saudosissima memoria, e, em segundo lugar, ao capitão Liberalino Dias Martins, negociante abastado dessa então villa do Ipú.

O padre Correia tinha verdadeira adoração por essa festa, para a qual despendia grande parte de dinheiro e de actividade, preparando-se para ella com muita antecedencia. Tinha até, para esse fim, uma fabrica de fogos artificiaes, da qual era o chefe e director technico, havendo mais um armazem para deposito dos fogos fabricados, que eram excellentes.

As *entregas* de noite eram esplendidas. E toda a festa constituia uma grande novidade nas circumvisinhanças da cidade e do municipio»

Para se dar um valor real da pomposidade da encantadora festa de S Sebastião, no Ipú, basta dizer que na ultima celebrada, em uma noite, justamente a que cabia ao padre Correia, foram gastos para mais de oitocentos mil réis. Nessa noite, affirma uma testemunha ocular que ainda vive na cidade, os fogos de artificio foram quei-

mados a começar de 8 horas da noite, após o novenario, e foram ultimar approximadamente a uma hora da madrugada seguinte, sem a menor interrupção.

Com a morte do padre Correia em 1888 morreu tambem a sumptuosidade da festa de S. Sebastião no Ipù.

Os tempos mudaram-se, pois. Tudo está hoje modificado e embóra o povo mantenha as suas crenças com o mesmo ardor dos primitivos dias, a imponencia do esplendoroso quadro desappareceu para sempre.

Isto não quer dizer, entretanto, que actualmente lhe faltem a graça e o attractivo que «tanto elevam e realçam a religião christã». Houve unicamente ligeira modificação e talvez esta oriunda da transformação por que vae passando a igreja catholica naquillo que ella julga desnecessario, no terreno de seu justo desenvolvimento.

Só uma coisa não foi alterada nessa excepcional solemnidade: é o harmonioso hymno ao glorioso santo martyr, ainda festivamente rememorado nestes singelos versinhos, suaves, cheios de rythmo e cadencia, que lhe são proprios:

(Côro)

O' martyr de Christo,
O' santo varão,
Livrai-nos da peste,
São Sebastião.

(Solo)

Nascestes do berço
Do vil paganismo,
Porém á fé santa
Vos deu o baptismo.

Seguindo a carreira,
O' anjo da luz,
Fostes defender
A fé de Jesus.

Soldado fiel,
Guerreiro valente,
Tocado da graça
Do Omnipotente.

Sendo prisioneiro
Fostes amarrado
Em uma laranjeira,
De settas passado.

A Deus nas alturas
Louvemos tambem
Nos céos e na terra
Para sempre, amem.

Mesmo assim houve uma tentativa na substituição desse hymno, encontrando forte barreira dos fieis, mais acostumados com a sua simplicidade, por que nelles fala o sentimento de sua alma religiosa, toda cheia dessa psychologia, que lhe é especial.

* * *

Os costumes nativos das populações sertanejas, parece, pouco a pouco vão despresando aquella face tão amena e pittoresca de que nos fala alguem, «medrando o pedantismo dos centros populosos, á sombra da tolerancia, que tudo desvirtua e aniquila».

Estudando-se esse povo na sua intimidade, inquirindo-se as suas tradições, o seu passado, vê-se que as suas usanças, que constituiam um cabedal distincto, na feliz expressão de Mello Moraes Filho, vão perdendo o seu caracter nacional, «deturpadas nos grandes centros por uma pretendida e extemporanea civilisação que tudo nos leva, desde a noite sem lagrimas até os dias sem combate».

Foram muito tradicionaes no Ipú o *Boi*, no tempo de *Reis*, com os seus *carêtas*; o *entrudo*, que foi afamado, com *laranjinhas* de cêra branca, as cuias d'agua,

bacia, as *seringas*, verdadeiros injectadores d'agua pelas frinchas das portas, pelas fechaduras ou ainda pelos telhados.

O *tirar reis* constituia a melhor diversão do escól ipuense.

A começar do dia três de Janeiro de cada anno, divertido grupo de elite, composto de rapazes e senhoritas da terra, em combinação, dirigia a dois ou três chefes de familia expressivo cartão, fechado em enveloppe, contendo estas interessantes quadrinhas:

Os três Magos do Oriente,
Cançados de viajar,
Irão hoje em vossa casa
Por instantes repousar.

Os três Magos do Oriente
Desejam, por um momento,
Descançar de sua viagem
Em vosso bello aposento.

Era o tradicional aviso do *tirar reis*, isto é, o annuncio previo da chegada, naquelle dia, do alegre conjuncto de moços á casa escolhida para a innocente brincadeira.

E effectivamente, no dia aprasado, pouco depois de nove horas da noite, surgiam os foliões á porta do predio preferido, tendo a frente afinada orchestra de flautas e violões e cantando, alegremente, estes versinhos:

Aqui estão em vossa porta
Os três Reis do Oriente,
Guiados por uma estrella
Do Senhor Omnipotente.

Os três Reis do Oriente
Que vieram aqui ver?
—Visitar o Deus-menino,
Que acaba de nascer.

Os três Reis do Oriente
De longes terras vieram,
Visitar o Deus-menino
Grande'offertas lhe trouxeram.

Por ser Rei lhe darão ouro,
Lhe darão veneração;
Como Deus—incenso e myrra
E solemne adoração.

E proseguia a cantoria, por alguns minutos, para finalizar sempre assim:

Não queremos myrrha, incenso
So proprios da divindade;
Queremos vinho e bôa mesa
De que gosta a humanidade.

As portas das casas eram abertas de par em par, e, por algumas horas, rapazes e senhoritas, *tiradores de reis*, se divertiam bastante, comendo e bebendo e dançando á farta.

Foram muito populares ainda no Ipú as *fogueiras* de S. João, quasi sempre preparadas, em tamanho regular, com um mamoeiro infincado ao meio; o brinquedo de *Judas*, vespera do sabbado de alleluia, com o seu pintoresco sitio e o tão pilherico e ás vezes ferino *testamento*; e as *cavalhadas*, em que se corriam bons cavallos de sella, anciosos os cavalheiros por tirarem a *argolinha* e offerecel-a á sua predilecta...

***

Hoje, nada nos resta desse passado tão nosso e tão cheio dessa poesia natural que melhor nos fala aos costumes, e só, de tempos a tempos, são rememorados os celebrisados *côcos*, os *reisados* e *cheganças*, o *bumba meu boi* com o seu classico *cavallo marinho*, etc...

Já lá se foi esse tempo em que, em determinada época

do anno, por estas paragens campesinas, o povo se divertia a larga e sabia, com felicidade, aproveitar as suas quadras ditosas, applaudindo essas toadas rusticas, sensaboronas, impregnadas do naturalismo que lhe era proprio.

Houve quem ousasse affirmar que tudo aquillo que é tradicional e glorioso e marca uma etapa, não morre... Opinamos contrariamente, e a prova está nessa indifferença da população sertaneja, esquecida de seus dias de formação, amortecida de todo das alegrias de seus antepassados, deixando, no olvido, os seus aspectos originaes, não conservando «esse legado precioso que se chama a tradição».

Ha qualquer coisa de transformação nesses quadros originaes de antanho, e, hoje, o que se vê, obedece a uma lei desconhecida, um arremêdo de outros aspectos que os pedantocratas affirmam ser correlativo da evolução social de nossos dias.

Já alguem o disse: o periodo actual é de transicção. Transicção em tudo: na politica, nos costumes, na lingua, na raça, etc.

O Ipú, nesse particular, vae perdende o seu enthusiasmo. Quasi que, por completo, desappareceram as tradições de seus tataravós. O quadro hodierno é todo outro e somente assistimos, na baixa camada, a exploração de condemnaveis *sambas*, predominando, criminosamente, os escaldantes vapores do alcool, redundando sempre em grosso *charivari*; ou então a exploração ainda, demasiadamente ridicula, de um *reisado* desenxabido, na exhibição de desengonçadas carêtas com insulsos ditos e cantilenas desafinadas e adulteradas do original primitivo...

E digam depois que não é uma tradição que morre, que se confunde com o tempo.

*
* *

Emquanto na baixa camada vae arrefecendo esse enthusiasmo pelo seu passado, desapparecendo o seu caracter nativo, a civilisação, importada dos centros mais

viciados onde a intolerancia pelos costumes campeia desassombradamente, vae, por sua vez, modificando, em esphera mais elevada, a sua parte recreativa.

Estão em voga, actualmente, na sociedade ipuense, os *assaltos*. Constitue esse divertimento a nota sensacional dos salões de elite, e raro é o dia do mez em que se não registe um ou dois desses *ataques* em determinada casa de familia da terra, que se vê forçada a abrir as suas portas e consentir na invasão do grupo assaltante—radioso conjuncto de rapazes e senhoritas de escól dispostos a rir, brincar e dançar.

O *assalto* não é natural do meio rustico. Elle veio importado de outras plagas e tem qualquer coisa de civilisação. A sua introducção no Ipú data de pouco tempo. Vae, porém, generalisando se, desfructando, a meúde, de maneira que os seus exploradores não satisfeitos com as partidas mensaes do *Gremio*, que lhes dá ensejo para diversões durante algumas horas em escolhida noite do mez, na mais captivante e animadora reunião familiar, por seu intermedio encontram meios para expansão de seus genios alegres e folgasões.

A unica preoccupação dos assaltantes é conseguir desvendar, abelhudamente, uma data festiva no lar, um acontecimento extraordinario que encerre algo de satisfação para a familia, um genethliaco qualquer; e, sabido esse segredo, que ás vezes pelas conveniencias sociaes ou mesmo economico-financeiras passa no silencio da casa, a bisbilhotice do divertido grupo surge, e, em dado momento entra em acção. Nessa mesma noite, tendo a frente a charanga local, alegre, radiante, invade o grupo a casa escolhida para o *assalto*, dá começo ás suas diversões choreographicas, deixando, na maioria dos casos, o dono da casa em máos lençóes, porque não houvera o tempo sufficiente para o preparo do classico *aluá*, a tradicional bebida dos sertões cearenses.

Os *assaltos*, porém, são de duas especies. Os que são interpretados na accepção rigorosa da palavra e são improvisados de occasião, e aquelles previstos de antemão, isto é, annunciados com antecedencia. Estes são, feliz-

mente, os mais em voga, porque, para assaltantes e assaltados, a enscenação é outra, dá um cunho mais festivo e encantador á brincadeira, o que não succede com os primeiros, quasi sempre encontrando a casa assaltada em desalinho, não raro sendo os assaltantes recebidos com o máo humor das pessôas escolhidas para victimas da innocente diversão, dominando, durante algumas horas, Terpsychore no seu auge.

No Ipú, ha uma singularidade nos *assaltos:* constitue esta nesse gracioso grupo das *Violetas*, formado de senhoritas de elite social, o qual, combinado, sempre se encontra de atalaia, prompto ao primeiro grito de alerta, emprestando ás festas o encanto que é de esperar, dada a sua graciosidade nesse harmonioso conjuncto.

E são assim os *assaltos* no Ipú. A sua usança na terra vae tomando um certo incremento. Nada teem de original, faltando-lhes esse nativismo que melhor graça e mais ameno e pittoresco poderia ter na sua exploração; e, oriundos de plagas de além, introduzidos ha pouco tempo, nos costumes locaes, elles vão sendo desfructados, consoante as condições do meio nullo, modificados em parte, e talvez que, de futuro, adulterados em seu todo.

*
* *

O Ipú conserva actualmente em seu seio uma reliquia que tem passado indifferente aos olhos de seus contemporaneos e que, ao contrario, deveria ser acatada e venerada na altura que ella bem merece.

Trata-se desse bom velhinho Francisco Rodrigues da Cunha, esquecido hodiernamente dos seus conterraneos, passando a sua figura rustica despercebida em meio ao turbilhão, como se alguma coisa de notavel, em sua vida, não fizesse condemnar esse indifferentismo que se não justifica, nascido, talvez, de sua humilde individualidade.

Entretanto—esta é que é a verdade — a sua veneravel e respeitavel pessôa, longe, bem longe do berço nativo, elevou o nome da patria, dignificando-o para sempre, demonstrando lá fóra que nas veias do sangue de

um ipuense tambem pulsa qualquer coisa de bravura e patriotismo, e que, se gloria tem o Brasil pela victoria alcançada nos campos do Paraguay, a elle cabe uma particula dos louros conquistados, porque nessa encarniçada lucta se batêra, denodadamente, com a coragem leonina que é peculiar ao rude caboclo destas paragens nortistas, sempre valente e destemido.

Mas a sua posição fôra sempre humilde. Fôra simples soldado para a guerra e da guerra voltára simples soldado, victorioso, trazendo apenas, como reliquia unica, a deformação de um braço que melhor attesta a sua corajosa acção na sangrenta peleja.

Fôra um heróe. Alistara-se em 1867 no 9.º batalhão de infanteria, organisado em Pernambuco, e lá seguiu para o theatro das operações, batendo-se com raro denodo ao lado desse punhado de bravos que tinha como chefe o grande Sampaio, o heróe do *Passo da Patria*...

A sua estrella, porém, não teve brilho. Rustico homem do povo, se bem que descendente de respeitavel prole da terra, a sua figura de velho servidor da patria tem passado na ignorancia dos seus contemporaneos, vivendo unicamente hoje «entre a poesia e o sonho, sonho e poesia tão consoladores e bons», desfructando os proventos de escassa pensão, que lhe concedeu o governo de então reconhecido aos seus serviços prestados na guerra.

E é assim a vida...

Francisco Rodrigues da Cunha, esse inoffensivo e guerreiro velhinho, parcamente vae experimentando as doçuras de sua feliz decrepitude no desfructo amavel dos seus setenta e nove annos, esquecido de tudo e de todos, constituindo uma reliquia local que todo o Ipú deveria venerar, por que lá fóra, com excepcional bravura, elle soube não desmentir as tradições gloriosas de seu berço natal.

Honra ao humilde e heroico ipuense que, em logares tão distantes, soube perpetuar o heroismo do nome brasileiro.

*
* *

—E' aqui... é alli... é acolá... Mãos á obra...

E, assim ordenando o destemido moço áquelle grupo de populares que, duas horas antes, da cidade galgára a serra á procura do local onde mão criminosa obstruira a marcha beneficiadora do riacho Ipuçaba, dava começo ao relevante serviço. Picarêtas e alavancas entraram em acção, manejadas por herculeos pulsos e minutos após o impecilho desapparecia, nenhum obstaculo existia, e o riacho seguia o seu curso natural cooperando beneficamente para que não faltasse mais, na cidade, o precioso liquido que tanto bem presta á humanidade.

. . . . . .

. . . . . .

Todo mundo sabe como se desenrolou, no Ipú, o grande acontecimento da falta d'agua.

Corria o anno de 1905. Foi por uma dessas manhãs calmosas do mez de novembro—o mais rigoroso da estação cálida—quando, na faina costumeira das labutas matinaes, o povo se dirigia, cantarinha aos hombros, á procura da fonte onde iria colher a porção d'agua sufficiente para os gastos do dia.

Depara-se-lhe então aos seus olhos um quadro simplesmente desolador: o leito do riacho amanhecera secco, deixando a descoberto o seu alveo; não corria o mais ténue fio d'agua, phenomeno extraordinario para os ipuenses á frente dessa anormalidade que não tinha explicação.

A soberba cascata, que do alto da serra constituia o desfiladeiro do curso do Ipuçaba—a tradicional e mil vezes decantada *Bica do Ipú*—lá estava, no seu posto, erguida, silenciosa, sem aquelle sussurro que lhe era tão natural e lhe emprestava bizarro conjuncto de sons melodiosos e vibrantes ás vezes, desconcertados outras, consoante ás variações do tempo, denunciando algo de ex-

traordinario que se passava na serra, ao itinerario desse ribeirão, traçado pela natureza.

Ninguem atinava com o mysterio do original caso. Pessimistas sonhavam com o desapparecimento da preciosa fonte; os mais supersticiosos viram logo na realidade do quadro um castigo dos céos em paga de qualquer inclemencia do povo, e traziam, em reminiscencias, prophecias de antanho, relembrando-se de religioso franciscano, predizendo o futuro cheio de terror e de ameaças para aquelles que não tinhão religião e impiamente não acreditavam nas santas missões desses ascetas errantes, verdadeiros apostolos do Bem.

Frei Vidal—diziam—em tempos que passaram, predissera o futuro e o povo naquelle momento todo de angustia, em que lhe faltava agua para mitigar a sêde, tão necessaria ao sustento de sua alma cheia de fé e de fervor religioso, acreditava no começo do máo agoiro...

A consternação foi geral. A noticia repercutira por todos os recantos da cidade. Já se cogitava dos meios de sanar a grande falta, auxiliando-se os necessitados e iniciando-se providencias conforme as exigencias do excepcional caso, quando voz estranha denuncia a sua verdade núa e crúa: alguem que dispunha de elementos na terra, criminosamente, desviára o curso do riacho, na serra, num egoismo descommunal, desejoso unicamente de beneficiar a sua propriedade. Um segundo entrave surgio, por que, alliado ao primeiro, preponderava nelle o prestigio politico, quando mal entendido tão prejudicial nas paragens sertanejas.

Eram, portanto, duas pessoas as unicas responsaveis pelo soffrimento do povo.

O que se passava então póde ser assim descripto: o riacho do Ipuçaba, nascendo, como é sabido, dos centros cavernosos da Ibiapaba e deslisando-se pelos reconcavos da serra vem precipitar-se ao valle, em uma eminencia de cem metros approximados de altura, e banhando a cidade na direcção de sudoéste vae refrescando os seus terrenos adjacentes. Um proprietario das alturas resolveu um dia, de si para si, desviar as aguas do ri-

beirão por meio de um rêgo, sendo em seguida sua acção imitada por um outro localisado no sopé da serra, o qual por meio de um cano prendia as aguas. Assim procediam refrescando as suas propriedades.

Facilima será a illação: quando o senhor da Ibiapaba abria o desvio do curso do riacho ou o do valle tapava o impecilho, o Ipuçaba sentia alteração em sua marcha reguladora.

Estava, portanto, desvendado o mysterio, mas, ás providencias reclamadas, aos clamores do povo, sequioso de sêde, unicamente sêde, fazia-se ouvidos de mercador. Era malhar em ferro frio...

De nada valeram os protestos, a grita retumbante, ensurdecedora da população.

Comicios e reuniões populares foram tentados, providencias de caracter conciliatorio foram negociadas, tudo, porém, sem resultado. Uma sociedade popular contra a sêde foi até constituida, nada demovendo o proposito criminoso dos poderosos proprietarios. O Ipuçaba continuava secco e bem secco...

A paciencia tem seus limites. Acima das conveniencias pessoaes está a vontade do povo e este sente-se corajoso para, em dado momento, quando se julga cançado de appellar em vão, reagir. Foi o que succedeu.

Um dia, quando menos se esperava, numeroso grupo, tendo á frente decidido rapaz, audaz guerrilheiro, embrenha-se pelos reconditos da serra, segue o curso do riacho até ás suas nascenças e onde o obstaculo surge em um momento desapparece á força de poderosos braços, sequiosos de sêde e de uma justiça que faltava.

Volta o Ipuçaba á sua marcha habitual e a tromba d'agua se despedaça da imminencia ao valle abaixo, seguindo o seu curso interrompido.

Hosannas foram entoadas.

O regosijo ultrapassou ás raias do delirio e o moço altivo, victorioso, acclamado, convicto do relevantissimo serviço prestado á causa da humanidade, entra na cidade em charola, ovacionado.

Seu grande feito jamais será esquecido. Foi um acontecimento extraordinario.

A musa popular, que sabe aproveitar as occasiões, glosou o caso da falta d'agua no Ipú com os seguintes pilhericos versinhos:

O povo do velho Ipú
Perde de todo o socêgo,
Se o Carneiro tapa o cano
E o Maneco abre o rêgo.

E soffre de sêde a gente
E os bichos, té o morcêgo.
Se o Carneiro tapa o cano
E o Maneco abre o rêgo.

Vamos todos, minha gente,
Acabar e bem ligeiro
Com o rêgo do Maneco
E o cano do Carneiro.

Elles querem nos tomar
A agua, que Deus nos deu:
O' que cano tão cruel!...
O' que rêgo tão judeu!...

Quanto são singelas estas quadrinhas, mas tão significativas do sentimento de indignação da alma Ipuense!...

VII

Typos populares

DR. GABRIEL

Era muito conhecido no Ipú. Chamava-se Gabriel de Saboya e Silva e fôra escravo do dr. José Thomé da Silva, juiz de direito que foi da comarca.

Tornou-se um typo popular na cidade, o *dr. Gabriel.*

Genuino representante da mestiçagem, «producto do caldeamento dos três elementos hecterogeneos— a raça branca, preta e cabocla», Gabriel de Saboya e Silva, durante a sua vida, conviveu em um meio todo estranho ao de sua condição. Pelo seu módo de proceder poude conquistar profundas sympathias no circulo de relações de seus senhores e de tal maneira que, uma vez liberto, por fôrça da aurea lei de 13 de maio de 88, maior foi a admiração de seus contemporaneos pela sua humilde individualidade de mestiço. Ninguem lhe desejava o mal.

Como captivo, o Gabriel andára de Séca á Méca; percorrera varias provincias do sul do então Imperio e por onde perambulava, por fôrça das negociatas que as suas condições de escravo impunham, dava cartas e pintava o sete. Tinha para isso espirito.

A sua vida é toda cheia de episodios os mais divertidos, dando aos olhos dos seus julgadores de hoje o todo de um individuo não commun, excepcional até por que, sendo analphabeto, dispunha de uma intelligencia privilegiada, admiravel, engenhosa mesmo, como demonstram os multiplos factos em que se vio envolvido o seu obscuro nome, sempre com vantagem.

Era de uma arrogancia sem limites, petulante como elle só. Possuia a mania da palavra, jactando-se, entre os do seu credo, como sendo optimo orador.

O *dr. Gabriel*, sempre que a occasião se offerecia, correspondia-se com os vultos mais em destaque no paiz, endereçando-lhes cartões de felicitações e parabens por este ou aquelle acontecimento, e, não raro, recebia os agradecimentos, o que constituia para elle grande vaidade. Em uma collectanea que conservava, viam-se cartões com o nome de Joaquim Nabuco, Lauro Sodré, João Alfredo, Ruy Barbosa, Prudente de Moraes, Affonso Penna e outras individualidades brasileiras, com expressivos termos de distincções á sua humillima pessoa.

São muitos os seus discursos perdidos por ahi além, destacando-se um em que, captivo ainda, sendo vendido

pelo seu primitivo dono ao sr. Gustavo Sergio de Saboya, ao despedir-se de seus companheiros de captiveiro, assim começava :—*Já não sou pessoa, sou cousa . . .*

Esse discurso lhe fôra feito pelo portuguez Guilhermino Pinto, negociante que foi em Sobral.

De uma feita, achando-se no Rio de Janeiro, conseguira discursar perante o respeitavel ancião Visconde do Rio Branco, que papel saliente desempenhou na abolição da escravatura. Esse palanfrorio prendia-se a questões do abolicionismo e o *dr. Gabriel* trazia-o corrente á memoria, repetindo-o logo que o pediam.

Do *dr. Gabriel* contam que permanecendo em uma das cidades da então provincia de Minas Geraes, para onde fôra vendido, conseguira fugir e, burlando todas as diligencias levadas a effeito para sua captura, viajára do Rio ao Ceará, intitulando-se academico do quarto anno de direito e dizendo chamar-se Honorio Luiz de Mello. Em viagem, saltando na Bahia, fôra gentilmente recebido por illustre familia desse Estado e de tal fórma se conduziu o nosso heróe na sua permanencia alli, que essa familia ficou na ignorancia de encobrir na pessoa do *dr. Honorio*, como lhe chamavam, a individualidade do escravo Gabriel, fugitivo. Nesse itinerario, illudindo a todos e a tudo, sempre em prosopopéas, geitoso, affavel, maneiroso, poude chegar á Fortaleza e ser acobertado pela «*Sociedade Libertadora Cearense*», então no maior grão de sua effervescencia, que o conservu escondido até o dia de sua libertação.

O Gabriel usava invariavelmente fraque e chapéo de pêllo, trajando com modestia, mas com certo apuro. O pernosticismo identificára-se com a sua pessoa.

Esmerava-se na pronuncia dos vocabulos. . . D'ahi, talvez, a sua alcunha.

Era, entretanto, um ignorantaço e nunca tivéra noção alguma das lettras. Seus discursos eram feitos, a pedido, por terceiro e bastava que lh'os lesse uma, duas, três vezes, para em poucos minutos os recitar sem lhes faltar o minimo detalhe e jamais saiam de sua imaginação.

Era possuidor de uma originalidade que ainda mais

accentúa o seu talento; não sabia lêr, mas escrevia, copiando, com esméro, os caractéres dos escriptos que se lhe apresentavam, letra por letra, e de tal maneira que, uma vez prompta, dava a entender a quem não soubesse dessa particularidade ter sido essa copia de uma pessoa conhecedora dos segredos das regras orthographicas e calligraphicas. Isto vinha comprovar o seu grande intellecto esperdiçado.

Gabriel era de uma habilidade espantosa. A's suas bôas qualidades de homem honesto e serviçal, sempre disposto a accudir ao chamado do primeiro necessitado, alliava a multiplicidade de officios, nos quaes era perito: era cabellereiro, pintor, pedreiro, etc.

O episodio mais interessante de sua vida contou-nos respeitavel cavalheiro do Ipú.

O dr. Eduardo Saboya, actual deputado federal, quando escolar, na garrulice de sua edade, lembrou-se de assignar o nome patronimico de sua familia—Saboya—com a lettra Y, por ter visto que na Italia, de cujo ramo descendia essa importante prole, é esse nome assim escripto, e depois—dizia o menino Eduardo— para differençar do *Saboia*, sobrenome do Gabriel

Logo que este teve conhecimento da astucia do intelligente menino começou a escrever tambem o seu nome com aquella lettra e por ultimo zangava-se, ralhava bastante, quando ao contrario procediam. Era que elle tinha grande admiração por essa illustre descendencia, de quem sempre recebera as maiores distincções e considerações.

Se era apresentado a uma pessoa, dizia: Gabriel Saboya, com *ipicilône*, veja bem!...

Quando discutia com alguem e comprehendia que ia perdendo terreno, arrematava sempre a sua quasi que inexgottavel facundia com a seguinte phrase, que se tornou popular no Ipú e que ainda hoje é rememorada: *recolhe-te á tua humilde posição de satrápa*... Era delle tambem a seguinte expressão, que bem denota o gráo de seu pernosticismo: *eu não quero te ver nem pintado no fundo de uma panella onde o fogo labóra.* Ou en-

tão: *os máos por si se destróem e os mansos possuem a terra*...

Gabriel, suppõe-se, nasceu em Sobral, vivendo, porém, no Ipú. Correu mundo por força de suas condições de escravo, tornou-se um liberto e veio morrer no Ipú, onde constituiu familia.

Sua obscura pessoa não ficou de todo apagada na imaginação de seus contemporaneos. Hoje ainda recordam, na cidade, os seus episodios engraçados, a sua vida toda cheia dessa popularidade que lhe deu o nome.

E esse *Rendez-vous des amis*, unico hotel que ainda hoje existe na cidade, seu berço adoptivo, attesta o seu grande amor por essa terra, dotando-a com um estabelecimento em condições de abrigar os seus hospedes.

Luzia Torquez

Si falar no nome de Luzia Gonçala Maria Rosa da Conceição, certo, o desconhecerão, mas si alludir a chronica á *Luzia Torquez*, ninguem, no Ipú, ignorará que vae tratar o chronista dessa marafona que perambula pelas ruas da cidade, aos apupos do molecorio, em continuas descomponendas que bem attestam a sua degenerescencia, tornando-a um typo da rua, popular. Ficam, pois, todos sabendo que a *Torquez*, tão conhecida no Ipú, recebendo nas aguas lustraes do baptismo o nome de Luzia, completou este com os de Gonçala Maria Rosa da Conceição, alias em antagonismo com as suas qualidades.

E' desconhecida a sua origem. Sabe-se ao certo que fôra escrava, nascera nesta cidade, alforriada, entretanto, antes do advento da aurea lei da libertação. Ella é quem o diz e ninguem até hoje, ao que consta, contestou.. Isto, porém, não tem importancia.

Luzia Gonçala Maria Rosa da Conceição--o leitor que se vá acostumando a dizer esses nomes, evitando maiores desgostos na pronuncia da autonomásia de *Torquez*— é digna dos estudos dos psychiatras modernos e Krœ-

pelin, o conhecido autor da synthese psychiatrica da demencia precoce, encontraria em sua pessoa motivos para confirmar um dos typos clinicos que elle admitte, no dizer de Afranio Peixoto. na etyopagenia. Talvez, convenientemente observada, se lhe ajuste muito bem a *demencia catatonica* de que nos fala o primeiro desses psychiatras.

Indifferente, porém, a essas observações, vagueia, no Ipú, a *Torquez*. Tornou-se um typo popular. Não se descobriu ainda o meio de se lhe ser agradavel por que com tudo e com todos ella se zanga, se exaspera, e, regra geral, mimoseia sempre a quem lhe cae no desagrado com um despautério proprio de seu vocabulario pouco moralisado.

E', entretanto, inoffensiva. Não se lhe invente um dito qualquer, de occasião, não se lhe faça com os dedos a mimica demonstrativa desse instrumento formado de duas peças cruzadas—torquez—em acção, e teremos, então, uma mulher serviçal, disposta aos trabalhos domesticos.

Tem as suas manias e talvez sejam estas que a tornam popularisada e conhecidissima no Ipú.

A todo e qualquer individuo que lhe cáe no agrado, seja da alta ou baixa camada, não se lhe dá em tomal-o por seu padrinho e dahi vem o verem-a, todos os dias, de manhã á noite, estirando a mão direita, dizendo: *benção, meu padrin*, o que ella repete, continuadamente, uma, duas, três vezes. E' a caracteristica da sua degenerescencia. Quasi que o povo do Ipú, na sua totalidade, é padrinho da *Torquez*, pouco faltando para que ella ande sempre com a mão estirada, dizendo a todo instante: *benção meu padrin... benção meu padrin.*

Uma segunda mania que a torna extremamente ridicula é o offerecimento expontaneo que faz ás casas de familias, sem distincção de esphéra, para ser *madrinha* de *apresentar* de todo e qualquer recemnascido Nesta

parte ainda se accentúa o mal de Luiza Gonçala Maria Rosa da Conceição.

Logo que chega ao seu conhecimento que em determinada casa da cidade existe um infante recemvindo ao mundo, corre pressurosa a offerecer os seus serviços, fazendo questão de se occupar da lavagem de roupas da criança, o que trabalha com muito cuidado. Não exige paga alguma e não quer mesmo que se lhe dê um real. Somente deseja que no dia do baptisado seja ella a pessoa que apresente a criança á pia baptismal, conduzindo-a da casa para a egreja e vice-versa.

A conclusão o leitor tirará: não sendo a *Torquez* a madrinha de apresentar, o que commumente succede, é atacada do seu mal e tem impulsões momentaneas: faz gestos violentos, ralha, exaspera-se, descompõe e então da lavadeira mansa e cuidadosa dos coeiros do recemnascido passa a ser a intermediaria do vocabulario o mais descabellado e nojento.

Tem ainda as suas crises, independente desses factos e estas mais se desenvolvem em periodos, que a sciencia muito bem explica, mas que o povo, na sua prejudicial sabedoria, supersticiosamente, attribue á lua nas suas quatro mudanças do mez. E' uma das épocas mais terriveis da approximação da Torquez.

Os seus improvisados padrinhos, conhecendo-a nesse estado de superexcitação, evitam o seu contacto, abençoando-a mesmo de longe, receiando qualquer mal entendido da malcreada afilhada.

Tudo isso, porém, é passageiro...

Luzia Gonçala Maria Rosa da Conceição ou *Luzia Torquez*, como é conhecida no Ipú, é, em summa, u'a alma inoffensiva, religiosa, prestavel, communicativa, e amante do trabalho. Constitue um dos typos populares da cidade e a sciencia muito lucraria si nella fizesse estudo demorado...

O Binga

João de Andrade Caxias é o seu nome. D'onde, e como lhe veio a alcunha de *Binga*, ninguem o sabe...

Todo o Ipú hodierno o conhece e o circulo desse conhecimento não se restringe somente á arteria local, vae mais além, abrange todo o perimetro do municipio, na sua vasta extensão, por fôrça da sua devotada e humilima posição de official de justiça.

João de Andrade Caxias é um desilludido da sorte. Tem experimentado dissabôres, a rôdo, no desfructe de sua vida attribuladissima, e sempre em desillusões vae conquistando maior numero de sympathias ao seu typo de homem inoffensivo, ás vezes serviçal, quando se acha o seu cerebro de todo vasio dos vapores do alcool.

Tem tido muitas profissões: de acreditado bodegueiro, na cidade, passou a tocador de trombone em determinada charanga; de afamado mestre-escola ambulante passou a official de justiça, occupação que se identificou em seu *eu*, por que nella, parece, mais se adaptou o pernosticismo de que é possuidor, amante, como é, das lettras de fôrma, senhor, porém, de conhecimentos superficialissimos.

A sua popularidade é congenita, isto é, nasceu da sua propria pessoa, ao tempo em que, de fazenda em fazenda, na exploração de sua honrada profissão de mestre-escola, passava, por qualquer réles gratificação, mezes e mezes, ensinando os jovens, adestrando-os nas regras calligraphicas do bom cursivo, que lhe é proprio.

Quasi sempre, porém, nesse ensino ambulante, mettia-se em funduras, e, dada a ignorancia dos seus discipulos e de quem ouvia as suas estapafurdias prelecções, sahia-se muito bem. Dispunha-se a ensinar regras de grammatica e então tinha destes absurdos:

«—Na formação das palavras ha sempre dois elementos componentes; exemplo – *bolacha*, composta de *bola* e *cha*; *mangabeira*, composta de *manga* e *beira*». Ou então, como regra de pontuação:

«De nove em nove lettras, uma virgula; de duas em duas virgulas, um ponto e virgula».

Como official de justiça o *Binga*, embora não desconhecendo os deveres do cargo, tem, entretanto, se descurado de alguns delles: por qualquer ninharia pouco

se lhe dá em *certificar* que não encontrou o jurado ou a pessoa, que ia intimar para a sessão do jury ou outro mistér,

No principio do seu officialato de justiça, ufanoso da nova serventia que ia occupar, para elle a maior consideração que se lhe podia fazer, dava-se ao luxo de andar de sobrecasaca de brim e botas de marroquim amarello.

Uma vez teve a petulancia de fazer um discurso perante o general Tiburcio quando, terminada a campanha de Paraguay, visitava aquelle bravo soldado o berço natal. . .

E assim vae vivendo, na cidade o *Binga*, ou antes João de Andrade Caxias, constituindo um dos typos de rua.

Quem ainda no Ipú deixou de receber, de suas proprias mãos, um dos celebres bilhetes em que elle, maneiroso, pede, por emprestimo, alguns cobrinhos, começando sempre assim a sua costumeira cantilena: «vou a vossa presença com muita benevolencia e saúde . . . »?

Quem? . . .

*
* *

Tornaram-se ainda populares no Ipú o *Annúm*, o *Garapa*, a velha *Bertulêza*, notavel pelo asseio e tambem pela sua impertinencia, typos que fizeram época, deixando inesqueciveis recordações aos do seu tempo.

Não são esquecidos tambem os vultos do velho *Ferrão* (pernambucano), conhecido professor de musica, a *Mãe Freira*, assistente que prestou relevantes serviços á população no seu mistér, sendo por isso muito estimada, o *Manoel dos Cachorros* com a sua interessante *sina* de *burro* e maneira toda especial de enumerar nomes de cachorros, d'onde lhe veio a alcunha, etc., etc.

Hodiernamente podem ser incluidos nessa relação a *Maria Ignacia* com a sua inseparavel vendagem de *pão do reino*, o *velho Paulo*, ebrio habitual mas inoffensivo, e o *André*, na sua exagerada maneira de dizer as cousas.